

S E R M A Õ  
D A P A I X A Õ  
D E C H R I S T O  
N O S S O R E D E M P T O R ,

Prégado na Santa Igreja Patriarcal no anno de 1750,  
*E offerecido*

AO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FILIPPE NERI  
DE SOUSA COUTINHO,

*Principal Deaõ da Santa Igreja de Lisboa, do Con-  
selho de Sua Magestade, e seu Sumilher da  
Cortina, &c.*

POR D. ALBERTO CAETANO  
DE FIGUEIREDO,  
*Merigo Regular.*



L I S B O A ,

(45) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impressor da Con-  
gregação Cameraria da Santa Igreja de Lisboa.

---

M. DCC. L.

*Com as licenças necessarias.*

L 3023

2/519

SER M A O  
DA PAIXÃO  
DE CHRISTO  
NOSSO REDEMPTOR,

Prigado na Santa Igreja Patriarcal no anno de 1750,  
E offerecido  
AO EXCELENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FILIPPE NERI  
DE SOUSA COUTINHO,

Principal Deão da Santa Igreja de Lisboa, do Con-  
selho de Sua Magestade, e seu Summiller da  
Coroaa, &c.

POR D. ALBERTO CAETANO  
DE FIGUEIREDO,



L I S B O A

Na Officina de FRANCISCO LUIS AMENO, Impressor da Con-  
gregação Camareira da Santa Igreja de Lisboa.

M. DCC. L.

Com as licenças necessarias.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

## EX.<sup>MO</sup> E R.<sup>MO</sup> SENHOR.

**E** Ste pequeno Sermão da Paixão de Nosso  
ñhor Jesus Christo, que por ordem do Eminen-  
tissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Pa-  
triarca

triarca préguey na Santa Igreja de Lisboa, sahe  
agora à luz, e vay buscar na Pessoa de Vossa Ex-  
cellencia, a quem humildemente o apresento, o be-  
neficio da sua protecção. Não fallo daquella pro-  
tecção, que he propria da grandeza de V. Ex-  
cellencia, tão conhecida no mundo pela nobilissi-  
ma profapia dos seus Ascendentes, nem do sagra-  
do carácter daquellas dignidades, com que o tem  
condecorado o seu incomparavel merecimento, e  
pelas quaes se faz tão justamente respeitado;  
porque se o meu animo fosse defender esta peque-  
na obra do rigor da critica, como ella no tem-  
pa presente corre tão livremente solta, e sem re-  
gra, então, que nem o respeito de Vossa Ex-  
cellencia, nem a sua authoridade poderia impedir  
os seus injustos discursos; porque a critica de que  
fallo, assim como he ignorante das verdadeiras  
regras da arte, tambem he cega para não ver  
nem a grandeza, nem o respeito: busca sim a  
sua devoção, e a sua piedade; porque com estas  
virtudes applicadas na lição deste Sermao, lhe  
dará Vossa Excellencia aquella alma, que lhe  
não pode dar o meu talento, e aquella efficacia,  
que lhe não puderao dar as minhas palavras, e  
digaõ os outros leitores o que quizerem. Não es-  
tranhe Vossa Excellencia esta tão pequena offe-  
ta, que lhe apresento, porque a sua rectidão se  
lembrará de lhe dar agora aquella attenção, len-  
do-o

do-o , que lhe deu , quando o ouvio. Bem sey que o dedicar hum livro a hum Principe illustre , res parva est , como disse Plinio ; e se isto disse Plinio de de hum livro , que diria de hum Sermão ? Porém se Vossa Excellencia o aceitar com a recta intenção de que he dotado , e olhando para a materia de que elle se compoem , achará , que não he livro , nem Sermão , mas hum thesouro dos mayores mysterios da nossa Redempção , que he tudo o que tem de bom , e só por esta razão se faz digno da sua aceitação. Deos guarde a Vossa Excellencia por muitos , e felices annos. Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia 5 de Outubro de 1750.

*De Vossa Excellencia*

*O mais humilde Capellão*

D. Alberto Caetano de Figueiredo C. R.

# L I C E N Ç A S.

## Do Santo Officio.

*Censura do M. R. P. M. Fr. Francisco de Santiago,  
Qualificador do Santo Officio, &c.*

EMINENTIS., E REVERENDIS. SENHOR.

**G**Rande he o encarecimento, com que o doutissimo Historiador Plutarco louva a acção de Alexandre Magno, quando para mostrar a todo o Universo o excessivo amor, que tinha a Efestião, mandou publicar hum Ediçto, em que expressando com elegancia a morte de Efestião, convidava a todos ao sentimento devido na morte de tamanho Heróe. De não menos encarecimento parece ser o louvor, que ao M. R. P. M. D. Alberto Caetano de Figueiredo, Preposito da Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, dos Clerigos Regulares, he devido, expondo em publico este seu Sermaõ, em que com as palavras mais eloquentes, compassivas, e persuasivas convida a todo o Orbe ao sentimento devido na Paixão, e Morte de hum Senhor, que por nosso remedio quiz padecer a mais afrontosa; pois nesta acção mostra este grande Alberto o excessivo amor, que tem a tão grande Senhor.

Vossa Eminencia se dignou mandarme interpor o meu parecer neste Sermaõ; e eu o que nelle acho he, o que da doutrina do mesmo Senhor disse Santo Agostinho; huma palavra abbreviada com tal persuasão, e clareza, que basta ler este Sermaõ, para que delle se colha o fructo; prenda que deve ter o Orador Evangelico, porque muitas vezes a confusão impede o fructo; mas hum Sermaõ bem composto, e bem foy mais proprio para persuadir, e reduzir os corações mais rebeldes: assim o praticarão os Padres da Eloquencia Santo Ambrosio, Santo Agostinho, e S. João Chrysostomo; e assim o pratica, imitando-os, este insigne Orador, não se apartando das infalliveis regras de nossa santa Fé, e bons costumes. Este o meu parecer. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Lisboa no Hospicio do Duque 30. de Junho de 1750.

*Fr. Francisco de Santiago.*

Vil-

**V**ista a informação, póde imprimirse o Sermaõ, de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 3. de Julho de 1750.

*Lencastre. Abreu. Almeida. Trigofo.*

## Do Ordinario.

*Censura do M. R. P. M. Victorino Pacheco, da Casa Professa de S. Roque da Companhia de Jesus, &c.*

EXCELLENTIS., E REVERENDIS. SENHOR.

**E**ste Sermaõ, que o M. R. P. M. D. Alberto Caetano de Figueiredo, Preposito dos Clerigos Regulares, recitou na Santa Igreja de Lisboa, em Sexta feira mayor, pela approvaçãõ, que mereceo de todo aquelle sacro Auditorio, se qualificou de sorte, que parecia censado outro exame, para se dar à estampa. Porém como Vossa Excellencia me manda interpor o meu parecer, digo, o que já disse de outros do mesmo Author; porque como todas as suas obras são iguaes, nesta só podia haver a nota de se exceder. A materia he altissima, porque da Paixão de nosso Redemptor: está proposta com summa ternura, e piedade, não póde deixar de ser muito fructuosa aos Fieis a sua lição. Isto, o que julgo. Vossa Excellencia mandará, o que for servido. Lisboa, Casa Professa de S. Roque da Companhia de Jesus 9. de Julho de 1750.

*Victorino Pacheco.*

**V**ista a informação, póde-se imprimir o Sermaõ de que trata a petição, e depois de impresso torne para se dar licença para correr. Lisboa 9. de Julho de 1750.

*D. Joseph Arcebispo de Lacedemonia*

Do

5/579

# Do Delembargo do Paço.

*Censura do M. R. P. Pedro Correa, da Congrega-  
ção do Oratorio, &c.*

## S E N H O R.

**P**Or Ordem de Vossa Magestade vi o Sermaõ, que prégou o R. P. M. D. Alberto Caetano de Figueredo, meritissimo Preposito da sempre Religiosa, e exemplarissima Casa dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, e não achei em toda esta Oração cousa alguma, que seja desconveniente à Republica, ou bem commum; antes ficará este muy utilizado, lendo a narração do objecto mais piedoso, e mais catholico, que tem a Igreja santa; e o Author o propoem com tanta viveza, e expressão de palavras, e com tão singular propriedade de devotas, e discretas reflexões, que sem duvida fará o fructo, que pretende nas almas dos Catholicos: razão porque julgo ser merecedor da licença, que pede. He o meu parecer. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratorio 15. de Agosto de 1750.

*Pedro Correa.*

**Q**Ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa 21. de Agosto de 1750.

*Marquez Presidente. Ataide. Vaz de Carvalho. Almeida.*

*Passio*

## *Passio Domini nostri Jesu Christi.*

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

**A** Funesta Historia da Paixão do nosso Deos he o lastimoso espectáculo, que hoje se representa à nossa piedosa compunção. A causa de Christo examinada por sacrilegos Sacerdotes, sentenciada falsamente digna de morte por Ministros indignos, approvada com tyranno applauso por toda a plebe de Jerusaleu, e executada com a mais injusta barbaridade, he o triste objecto da presente cerimonia. Mas como poderey eu expor o horror das suas penas? A iniquidade da sua condenação? Toda a serie da sua Paixão? Como poderey explicar quam injusta, quam sacrilega foy aquella sentença, que os Judeos pronunciaraõ contra o innocentissimo Redemptor? Como vo lo poderey representar homem, e ao mesmo tempo desfigurado com as suas chagas? Como vo lo poderey mostrar Rey, e ao mesmo tempo abatido com mil injurias? Como vo lo

A

po-

poderey dar a conhecer innocente, e ao mesmo tempo com as insignias de Réo? Como vo lo hey de publicar por Deos, e ao mesmo tempo desconhecido? Quem me ha de dar a direcção para o meu discurso? Sagradas paredes, e donde está a vossa Magestade? Tochas acezas, que costumais allumiar este mysterioso retrato do Santuario, e donde estão as vossas luzes? Altares, e donde estão os vossos ornamentos? Esta vossa desnudez suspende toda a virtude ao meu espirito. Não tenho outrem a quem possa recorrer, fenaõ à Cruz. Fazez, ó Cruz sacrosanta, que em huma historia taõ funesta faiba eu mover a piedade destes meus ouvintes, para que possaõ chorar a morte do Author da vida; e entretanto em nome de todos vos adoro com toda a Igreja.

*O' Crux ave spes unica*

*Hoc passionis tempore,*

*Piis adauge gratiam,*

*Reisque dele crimina. Amen.*

Acabada a legal cerimonia do Cordeiro immaculado com a instituição do Sacramento

mento mais amoroso, e dadas graças a seu Eterno Padre, sahio Christo com os seus Discipulos do Cenaculo de Jerusaleem para o monte Olivete, e passada a torrente de Cedron, entrou finalmente no Horto de Gethsemani a impulsos do seu amor. Não buscou Christo o Horto, para nelle achar delicias, mas para nelle dar principio às suas penas. Buscou o Horto; porque como Christo era a verdadeira Arvore da vida, quiz dar principio à Redempção em hum lugar semelhante áquelle, donde teve a sua origem a ruina do mundo. Mas como principiou? Separando-se dos seus Discipulos para padecer só, privando-se daquelle pequeno alivio, que costuma dar a quem padece o ter companheiros nos seus trabalhos. Apenas entrou naquelle Horto, se começou logo a affligir, a temer, e a tremer, e sobrevindo-lhe hum quasi mortal deliquio, o obrigou este a cahir com a sua divina face sobre o chão, e deste modo começou a implorar a piedade de seu Eterno Pay, pedindo-lhe, que, se fosse possível, o livrasse daquelle Caliz amargoso; pois se lhe representavaõ juntos os tormentos, as angustias, os opprobrios,

brios ; os espinhos , os flagellos ; a Cruz ; a traição de Judas já imminente , as negações de Pedro , e sobre tudo se lhe propunhaõ visíveis à sua fantazia todos os meus peccados , as minhas , e as vossas maldades , as minhas , e as vossas ingratições. Sim ; a vossa liberdade , ò mancebos , as vossas injustiças , ò Grandes , as vossas vaidades , ò mulheres , foraõ os funebres objectos , ideas tenebrosas , e crueis espectaculos àquella grande Alma , e atormentavaõ à medida do seu conhecimento taõ vivamente , que o sangue , desamparando o coração , lhe sahio de todas as veias em copiosas correntes.

Mas cessem já , Senhor , os vossos desmayos ; consolaivos , que a hi vem já chegando hum Anjo do Ceo mandado pelo Eterno Pay para vos alentar. Elle vos apresentará o amargo Caliz da vossa morte , o qual como vem acompanhado com a vontade divina as vossas penas se trocarão em alivios , ficará contente o vosso amor , e completos os desejos. Mas que he o que vejo ? Vejo que o alivio , que lhe havia de dar o Anjo , se lhe converte em tormento. Vejo que o Caliz da morte ,

morte, que tanto desejava beber, produzia no seu coração novas ancias; porque sabia, que depois de hum excesso tão grande de amor crescerião mais os peccados, o luxo nos Principes, a ambição nos Grandes, a relaxação nos Sacerdotes.

Porém, a pezar de toda esta repugnancia de affectos, se sujeita à vontade de seu Eterno Pay, que para remedio dos homens queria opprimir a seu filho, não como Jesus, mas como figura do peccador, castigar aquella parte de homem, que em Deos se via, e exaltar aquella parte de Deos, que nelle se adorava.

E donde estais, ò Discipulos, quem o amor, e o respeito deviaõ fazer cuidadosos, e vigilantes com a pessoa de vosso divino Mestre? Elle vos escolheo para que o acompanhasseis no santo, e proveitoso exercicio da Oração, e vós dormis? Mas se vós como infieis dormis, não dorme o impio Judas; porque neste mesmo tempo, trocado o Horto em campanha, e o lugar de Oração em campo de batalha, se ouve hum grande estrondo de armas, e vozes de impios Soldados, quem servia

servia de guia hum Discipulo feito traidor ; hum Apostolo infiel ; e para dizer tudo em huma palavra , Judas feito Apostata. E donde está Christo ? E donde estão os Apostolos ? Estes fugirão , e Christo ficou só como manso Cordeiro , exposto à discrição daquellas feras. Apareceo Judas , e abraçando a Christo , o saudou , chamando-lhe Mestre , como se tivesse aprendido delle a ser traidor , e aquella bondade impertubavel lhe respondeo com o nome de amigo , para que a memoria do que fora cobrisse o vituperio do que era , infame , ingrato , e alcivofo , porque com hum osculo deu final para prenderem o Rey pacifico.

Conhecendo o Senhor , que era chegada a hora para o poder das trevas , elle mesmo sahe ao encontro aos Ministros da impiedade , que vinhaõ chegando , e com voz animosa lhes disse estas palavras : A quem buscais neste retiro ? Responderaõ : Que a Jesu de Nazareth : e dizendo-lhes o Senhor : Eu vou , retrocedem , e cahem por terra amortecidos ; levantando-se , porém , como que estivessem assombrados do fulminante estrondo de algum rayo ,

rayo, acomettem a Christo, o qual se entregou voluntariamente à prizaõ, e assim o levarão pela Cidade de Jerusaleem, para que em toda ella se fizesse conceito de que era malfeitor. Vencestes, ò Judeos, vencestes; tendes prezo o Author da liberdade; levay-o com cautella, como vos aconselhou o infame Judas; levay-o seguro, porque na Cidade de Jerusaleem não faltaõ parciaes da doutrina deste Divino Mestre, huns que beneficiados por elle com os seus milagres adoraõ a sua virtude, outros que illustrados com as suas prégações acreditaõ a sua divindade: levay-o seguro. Mas de que servem conselhos donde he mestra a crueldade! Com esta o levarão a casa de Anaz, donde logo o conduzirão a Caifaz. Entrou o Justo no Tribunal da injustiça. Entrou o Divino Juiz para ser julgado. Que se póde esperar, se a verdade nas Cortes não tem fortuna? E assim succedeo; porque perguntando-lhe o indigno Pontifice, que doutrina era a sua, e respondendo-lhe o Senhor, que elle publicamente a ensinava, hum dos assistentes o mais atrevido, hum vil Soldado (perdoay-me ò Eterno

Eterno Padre , se eu agora publico as ignominias do vosso Unigenito ) levantou a mão , e com sacrilega ousadia descarregou sobre a face divina huma pezada bofetada. Isto fim , que he o summo da injustiça. Nos tribunaes primeiro precedem as accusações , que os castigos , primeiro os exames , que os tormentos ; mas com Christo não foy assim , porque antes das accusações se fizeraõ os insultos , antes dos exames os castigos : mas a tudo isto se sujeitou o mesmo Deos por nosso amor. Entaõ foy , que ouvio as negações de Pedro , que esquecido das obrigações de primeiro Discipulo do Redemptor , o negou tres vezes , tendo promettido , que o não havia de negar , ainda que perdesse a vida ; porém a estes peccados de fragilidade humana acudio Christo pondo nelle os olhos de sua piedade , e arrependido se retirou do concurso , confessando com o estylo corrente das lagrimas o que negara a bocca com as palavras , que le do medo tinha proferido.

Não pararaõ porém aqui as ignominias do Redemptor , porque da casa de Caifaz o levarão a casa de Pilatos , e da casa de Pila-

tos

tos para a casa de Herodes , o qual levado de huma profana curiosidade , pretendeo , que fizesse à sua vista algum milagre ; não advertindo , que tinha diante dos seus olhos dous dos mayores , que póde fazer a Omnipotencia ; isto he , hum Deos prezo , e o Verbo mudo ; de que entendeo aquelle perverso Rey , que o Senhor era louco , e como tal o mandou vestir de branco , e assim o remeteo novamente a Pilatos. Entra Pilatos a examinar as accusações, le-se o processo, adduzem-se as testemunhas , ouve , confere , e já informado resolveo , que não achava causa em Christo para o condenar ; e com tudo para condescender com o Povo , que antepunha o sedicioso Barrabás a Christo innocente, condenou o Senhor ao tormento dos açoitos. Mas que se podia esperar de hum tribunal donde tudo eraõ respeitos humanos ! Tudo de ordens , tudo sacrilegios. He incrível a fôrça , com que se executou este castigo , e por isso o não refiro ; basta dizer , que foraõ tantos os golpes , que sendo o corpo de Christo formado pelo Espirito Santo , criado com o leite purissimo de Maria Virgem ,

B

gem , de huma presença a mais gentil , de huma organizaçã a mais milagrosa , já se não via nelle a fórma de homem ; fallo fim de outro mayor martyrio , qual foy o que padeceo, vendo-se despido , e atado a huma columna. Christo despido ! O' Serafins , a quem vio o Profeta Isaias cobrir com as azas a magestade do rosto Divino , vinde agora a cobrir com as mesmas azas a desnudez do vosso Deos humanado. Sagrado véo do Templo , vinde agora a esconder a confuzaõ do Sacerdote eterno. E vós , ò Divino Pay , se a tanto excessso de soffrimento devem chegar as penas de vosso Filho , ao menos por piedade livray-o desta , de que são tantos os algozes , quantos os olhos dos que o vem , já que a perfidia judaica , perdido todo o pejo , e toda a modestia , nem se move à compaixã , nem obedece às vozes de Pilatos , que como homem o expoz à sua commiseraçã. Mas quando resolve o Ceo a favor da profana e honestidade do nosso Redemptor , resolve Pilatos aos clamores do povo Judaico , que com altas , e descompassadas vozes pedia o crucifiasse , seja posto em o patibulo. Estava já  
pre-

preparada a Cruz, e os algozes pegaõ nelle violentamente, cingem-no com duas cordas, derribaõ-no em terra, pizaõ-no, arrastaõ-no, até que levantando-se este Divino Antéo com novas forças para novas penas, se abraça com o duro madeiro, e caminha para o monte Calvario. Ao Calvario, ò Christãos, ao Calvario; o vosso Redemptor vos ensina o caminho com o seu fangue.

Chegou finalmente o Senhor ao monte Calvario, aonde experimentou huma nova dor, e não sey se diga a mayor de todas, que foy a presença de Maria Santissima sua Mãy, que vendo-o taõ desfigurado, lhe disse excessivamente magoada: Meu Filho, esse he aquelle corpo formado nas minhas entranhas? He possível, que assim te vejo? O' Mãy, lhe respondeo enternecido o Filho; vós padeceis por amor de mim, e eu padeço à vista da vossa dor. Oh Filho! Oh Mãy! Mas a estes colloquios enfurecidos os Judeos fizeraõ separar a Mãy do Filho, e ficou a Mãy sem o Filho de Mayada, e amortecida, e o Filho sem a Mãy agonizante. Entretanto passaõ os Judeos a despir a Christo a tunica inconsutil,

causando-lhe com isto hum novo martyrio ; porque como estava pegada ao corpo com a grande copia de sangue lhe mutiplicava as dores, e a afflicção ; estenderaõ-no na Cruz, e nella com repetidos golpes o encravarão atravessando as mãos, e traspassando os pés ; e levantando a Cruz ao alto, a deixaraõ cahir com impeto, para que se renovassem as feridas, e as agonias ; e os Soldados dividiraõ em quatro partes os vestidos do Senhor, e jogaraõ a tunica inconsutil, convertendo em desprezo o que deviaõ venerar como cousa tão sagrada. Não esquecido o Senhor de fazer beneficios, prometteo dar naquelle mesmo dia o Paraíso ao bom Ladrão, porque verdadeiramente arrependido lhe pedio com o perdaõ a misericordia. Disse a sua Mãy Santissima, que tivesse ao Evangelista por filho, e ao Evangelista, que reconhecesse a Senhora por sua mãy ; e vendo-se já agonizante, clamou a seu Eterno Pay, dizendo : Deos meu, Deos meu, porque me desamparastes ? Manifestou a sede, que tinha, que era de padecer mais tormentos ; e logo hum daquelles Ministros da crueldade lhe deu fel, e vinagre em

em huma esponja , para lhe accrescentar o tormento. Verificadas então as Profecias , e querendo o Senhor dar complemento à redempção do mundo , disse , que tudo estava consummado , e encommendando o espirito a feu Eterno Pay , inclinando a cabeça , opprimido do grave pezo , que lhe faziaõ os nossos peccados , na flor dos annos o nosso Redemptor , o nosso Bem , o nosso Deos , com desordem dos elementos , com horror dos Ceos , com eclipses , com terremotos , descompôsta a harmonia da natureza , o nosso amado Jesus , ( oh Deos immortal , eu não tenho coração para o dizer , e vós perdereis o coração em ouvilho ) inclinada a cabeça , ( lagrimas , piedade , compaixão , ò Catholicos ) o nosso amado Jesus expirou.

Ah Fieis , que morreo o Filho de Deos immortal , para que vivamos os mortaes ; morreo , e morreo crucificado por amor de nós. E como correspondemos a tantas , e tão grandes mezas ? Com offensas , e com agravos. Oh ex. do de huma indescupavel ingratitude ! Abominamos a barbaridade dos Judeos , e a nossa barbaridade não a abominamos.

mos. E donde procederá huma tão grande ingratitude, e hum tão grande desfato? Procede de não considerarmos bem na Paixão de Jesu Christo; porque se os homens se lembrassem, e contemplassem bem os martyrios, que Christo padeceo, e o amor com que deu a vida para os livrar da morte, haviaõ de chorar amargamente os seus peccados, e tomar huma forte resolução de que acabassem por huma vez todas as culpas, que foraõ a primeira occasião da morte de hum Deos. Mas já que o não fizemos até agora, seja este instante o principio do meu, e do vosso desengano. Perdoai-nos, amantissimo Redemptor das nossas almas, as nossas passadas iniquidades. Perdoai-nos pelos vossos martyrios, perdoai-nos pelas vossas chagas, perdoai-nos pela vossa Cruz, perdoai-nos pela vossa morte, que nós promettemos com a vossa graça de vos não offender mais. Não permittais que a nenhum de nós seja infructuoso o emprego de tantas penas, o dispendio de tanto sangue, e que a vossa morte seja materia da nossa eterna desgraça. Assim vos lo pedimos pela vossa infinita Misericordia.

Amen

F I M. Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

